

A modalidade de tênis de mesa e a realidade de um aluno em condição de deficiência da zona rural de um município goiano: um estudo de caso

Calixto Júnior de Souza¹
Instituto Federal Goiano
Rio Verde-GO

Reila Campos Guimarães de Araújo²
Universidade Federal de Jataí
Jataí-GO[#]

Ludmila Jayme Borges³
UNIBRAS
Rio Verde-GO

Jean Pablo Nery⁴
Rede estadual de ensino
Rio Verde-GO

Gleydson Alves Silva⁵
Regional de apoio a Educação Permanente
Rio Verde-GO

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar a influência do tênis de mesa no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais e educacionais do aluno em condição de deficiência por meio de uma pesquisa descritiva, realizada em uma cidade do sudoeste goiano. A população-alvo do presente estudo foi constituída por um aluno em condição de deficiência por meio de entrevistas, pois observou-se que dentro do contexto escolar existe um acompanhamento a educação inclusiva, na qual os alunos participam tendo ou não necessidades especiais na mesma atividade, trazendo inúmeros benefícios para a saúde física e mental dos praticantes, além de melhorar a qualidade de vida. Assim, a prática do tênis de mesa pode auxiliar o professor na conscientização dos educandos, não somente nas aulas de Educação Física, mas também em todos os campos da aprendizagem e da vida. Conclui-se que a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, além disso a escola é vista como um lugar de convivência que permite ao aluno estar continuamente se superando e socializando através da prática do tênis de mesa na escola, trazendo diversos benefícios como melhora de raciocínio, habilidades, equilíbrio e coordenação motora.

Palavras-chave: Condição de deficiência. Educação. Inclusão.

¹ Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (NEPEINTER/IFG) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências (NEPEC/IFG). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Rio Verde.

² Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás. Docente no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí – GO.

³ Mestre em educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora na rede estadual de ensino. Docente na UNIBRAS, Rio Verde – GO.

⁴ Profissional de Educação Física. Especialista em Formação de Professores e Práticas Educativas. Professor na rede estadual de ensino, Rio Verde – GO.

⁵ Profissional de Educação Física. Especialista em Formação de Professores e Práticas Educativas. Subcoordenador Regional de apoio a Educação Permanente, Regional de Saúde Sudoeste I, Rio Verde – GO.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Aproximações entre a inclusão escolar e a deficiência física

Observa-se que a deficiência como fenômeno humano individual e social é determinado em parte pelas representações socioculturais de cada comunidade, em diferentes gerações, e pelo nível de desenvolvimento científico, político, ético e econômico dessa sociedade (DIEHL, 2006).

As raízes históricas e culturais de fenômeno, deficiências sempre foram marcadas por forte rejeição, discriminação e preconceito. A literatura da Roma Antiga relata que as crianças com deficiência nascidas até o princípio da era cristã eram afogadas por serem consideradas anormais e débeis. Na Grécia Antiga, Platão relata no seu livro “A república” que as crianças mal constituídas ou deficientes eram sacrificadas ou escondidas pelo poder público (BIACHETTI, 1998).

Historicamente, a educação de pessoas com deficiência nasceu de forma solitária, segregada e excludente, ela surgiu com caráter assistencialista e terapêutico pela preocupação de religiosos e filantropos na Europa. Nos Estados Unidos e Canadá surgiram os primeiros programas para prover atenção e cuidados básicos de saúde, alimentação, moradia e educação dessa parcela da população, marginalizada e abandonada pela sociedade (GLAT, 1995).

Em 1948, com a Declaração dos Direitos Humanos, os direitos foram assegurados a todos com educação pública gratuita. Essas ideias reforçadas pelo movimento mundial de integração de pessoas com deficiência, defendiam oportunidades educacionais e sociais iguais para todos, contribuindo fortemente para a criação dos serviços de educação especial e classes especiais em escolas públicas no Brasil. Surge, dessa forma uma política nacional de educação ancorada na Lei nº 4.024/61 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), com a recomendação de integrar no sistema de ensino a educação de excepcionais, como eram chamadas na época as pessoas com deficiência (DIEHL, 2006).

Sobre os direitos adquiridos, Mantoan (2008, p. 10), ressalta que “somos iguais em tudo, mas conquistamos o direito a igualdade e devemos reclamá-lo toda vez que nossas diferenças forem motivos de exclusão, discriminação, limitação de possibilidades na escola, na sociedade em geral”.

Nos anos 90, o Brasil aprova o Estatuto da Criança e do Adolescente, reiterando o atendimento aos portadores de deficiência. Em junho de 1994, mais de 80 países se reúnem e assinam a Declaração de Salamanca, ela proclama as escolas regulares, inclusivas como o meio mais eficaz de combater a discriminação. Em 1996, a LDB n.º 9.394, se ajusta a Legislação Federal, aponta que a educação aos portadores de necessidades especiais deve dar-se, preferencialmente, na rede regular de ensino (GUIMARÃES, 2003).

Para Werneck (1997), a educação é um dos pilares para alcançarmos essa almejada sociedade inclusiva. É começando pelas crianças com a conscientização delas sobre as diversidades

que as necessidades especiais de alguns passarão a ser vistas como devem ser, como algo natural, que faz parte da natureza humana.

Dentro da esfera política e de descentralização do poder, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, recomendam a colaboração entre União, Estados e Municípios para que seja efetivamente exercitado no país o debate de ideias e o processo de decisões acerca de como devem se estruturar os sistemas educacionais e quais procedimentos de controle social serão desenvolvidos (PICCHI, 2002).

Portanto, nota-se que a atual política educacional tem como metas a inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais na escola regular, com apoio e atendimentos necessários (JACOMELI, 2015). Cabe aos profissionais atender as diversidades de cada aluno sem nenhum tipo de distinção (PICCHI, 2002; JACOMELI, 2015).

Pois como ressalta Mantoan (2006), a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais alunos, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

No processo de inclusão, a criança com necessidades educacionais especiais não pode ser vista apenas por suas dificuldades, limitações ou deficiência (RIBAS, 1997).

A inclusão é um processo amplo, com transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive do próprio Portador de Necessidades Especiais, que contribui para um novo tipo de sociedade. Uma sociedade que aceite e valorize as diferenças individuais, aprenda a conviver dentro da diversidade humana, através da compreensão e da cooperação entre todos (RIBAS, 1997, p. 52).

A inclusão consiste em beneficiar a todos, independentes de suas necessidades especiais, uma vez que sadios sentimentos de respeito às diferenças e de cooperação e solidariedade podem ser desenvolvidas com a convivência entre deficientes e pessoas normais. “O processo de inclusão como uma forma nova de educar, respeitando as diferenças e não discriminando-as” (COLL, 1999, p. 22).

As pessoas com deficiência têm direito inerente ao respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, tem os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade, o que implica antes de tudo, no direito de desfrutar uma vida decente, tão normal e plena quanto possível (SILVA; COLL, 2000).

Como esclarece Mantoan (2006, p. 27), “tanto as escolas especiais quanto as comuns precisam se reorganizar, melhorando o atendimento que proporcionam a seus alunos dentro da escola”. Necessita-se então, lutar por essas mudanças e por movimentos que tem como fim modificar as escolas, tirando-as do comodismo em que se encontram e proporcionando através da

inclusão, uma reviravolta onde todos possam conviver com igualdade, especialmente quando se trata de alunos com deficiência.

A cada dia, mais pessoas com algum tipo de necessidade especial estão envolvidas em atividades físicas e esportes devido aos benefícios que eles trazem para a reabilitação, sociabilidade e para o bem-estar. A exclusão desses indivíduos da prática de atividade física e esportiva pode levar a diminuição da aptidão física, da eficiência dos movimentos ou mesmo do desenvolvimento de habilidades motoras.

Segundo Mantoan (2006, p.40), a escola inclusiva tem sido caracterizada como um novo paradigma que se constitui pelo apreço a diversidade como condição a ser valorizada, pois “é benéfica a escolarização de todas as pessoas”, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de outras práticas pedagógicas o que exige ruptura com o intuído na sociedade e conseqüentemente nos sistemas de ensino.

A modalidade de tênis de mesa enquanto fator de inclusão

Quase todas as atividades físicas ou esportivas poderão ser praticadas pela pessoa com deficiência física, desde que, se necessário, os materiais, equipamento, regras, etc. sejam adaptativos às suas limitações e potencialidades (COSTA, 1998).

O tênis de mesa é um esporte caracterizado como uma modalidade individual de confronto onde a disputa de um ponto dura em média 3 a 5 segundos, não podendo haver interferência do professor. Neste intervalo de tempo, o aluno deve ter ou tem a capacidade de perceber inúmeras fórmulas de ação em função do jogo e da situação momento. E assim, desenvolve a autonomia do aluno, de forma a avaliar a estratégia traçada junto ao seu professor, buscando adaptá-la e tomando decisões por si mesmo (VILANI, 2006).

Portanto, é importante analisar que o tênis de mesa é uma modalidade que se baseia na combinação de velocidade e raciocínio do aluno e ainda pode agir de maneira positiva nos aspectos psicológicos, aspectos pedagógicos e aspecto do ambiente de aula (proporcionando o vínculo e oportunizando a coesão do grupo) (VILANI, 2006).

Para Vitoretí (2014), a prática do tênis de mesa poderia auxiliar o educador na conscientização dos educandos, explicitando os benefícios para a saúde, como qualidade de vida e desempenho corporal, que o beneficiará não somente nas aulas de Educação Física, mas em todos os campos da aprendizagem e da vida cotidiana, bem como oportunizar as atividades pertinentes a prática do tênis de mesa de maneira lúdica, influenciando positivamente os alunos, estimulando o aperfeiçoamento de diversos aspectos técnicos da modalidade, bem como motivá-los a uma prática esportiva cotidiana, ademais, a sua prática em duplas possibilita desenvolver respeito ao próximo e socialização.

Conforme acrescenta Machado (2011), a estrutura do tênis de mesa e seus métodos têm como objetivo propor seu marco inicial a iniciação esportiva partindo das crianças e passando por todas as categorias e etapas.

Segundo a CBTM (2020), os jogadores são divididos de acordo com duas classificações: os cadeirantes (jogam sentados) e os andantes (jogam em pé) e estão aptos a jogar os atletas que apresentem deficiência físico motora (amputados), mental e com paralisia cerebral.

Ainda conforme o CBTM (2020), o tênis de mesa se divide em 11 classes: os cadeirantes têm cinco distinções que são: I, II, III, IV e V, os andantes também possui cinco classes que são: VI, VII, VIII, IX, X e os deficientes mentais têm apenas uma classe, a de número XI, sendo que as disputas acontecem entre as categorias individual, em duplas e equipes.

Assim, pode-se dizer que a educação física e o esporte devem integrar o aluno na cultura corporal de movimento, na sua forma completa, transmitindo conhecimentos sobre a saúde e sobre as várias modalidades do mundo dos esportes, adaptando o conteúdo das aulas a individualidade de cada aluno e a fase de desenvolvimento em que este se encontra. Sendo considerada uma oportunidade de desenvolver as potencialidades de cada um, “nunca de forma seletiva, mas sim incluindo todos os alunos no programa da Educação Física na escola” (MACHADO, 2011, p. 18).

Portanto, a prática do tênis de mesa pode auxiliar o educador na conscientização dos educandos, explicitando os benefícios para a saúde como qualidade de vida e desempenho corporal, a socialização entre outros, podendo beneficiar não somente nas aulas de Educação Física, mas sim em todos os campos da aprendizagem e da vida.

Analisar a influência do tênis de mesa no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais e educacionais do aluno em condição de deficiência, de modo a investigar a prática da modalidade esportiva referida e seus benefícios à pessoa em condição de deficiência, valorizando o desenvolvimento desses aspectos por meio da prática esportiva foi o objetivo principal do estudo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva. Buscou-se conhecer situações e atitudes predominantes por meio da análise e da descrição dos fenômenos. A pesquisa é um estudo de caso, que consiste em coletar dados de um meio e dos diversos aspectos que o cercam (GIL, 2001). Esta pesquisa procurou observar as características da modalidade de tênis de mesa, bem como o desenvolvimento de um aluno em condição de deficiência, da Zona Rural, para conhecer de que forma as atividades realizadas com essa modalidade esportiva tiveram influência na sua vida.

O local escolhido para o estudo fica na região sudoeste do estado de Goiás, ocupando 8.415,40 km², no Centro-Oeste brasileiro. O município estudado é destaque no estado, contando com setenta e cinco escolas municipais, dezenove estaduais, trinta e oito privadas e uma federal. As escolas municipais estão divididas entre urbanas e rurais, e entre as rurais uma que fica situada a 75 km da cidade.

A amostra contou com um aluno, sexo biológico masculino, em condição de deficiência e momento do estudo tem 23 anos de idade.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os relatos e entrevistas, aplicados ao aluno praticante de tênis de mesa. A entrevista foi no modo on-line devido a pandemia do Covid-19, onde as informações foram transcritas.

Essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal Goiano sob número CAAE 31701820.9.0000.0036.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Histórico Familiar

O estudante é o filho mais novo entre três filhos. Quando sua mãe teve a filha, irmã mais nova, tiveram também algumas complicações e o médico orientou-a que durante cinco anos a partir da última gestação, não poderia engravidar para evitar complicações na gestação. Após 3 anos, sua mãe engravidou novamente, gerando-o enrolado no cordão umbilical, causando Arto-gripose Múltipla, uma doença grave caracterizada por deformidades e rigidez nas articulações que afeta os membros superiores e inferiores do corpo humano.

Com três dias de nascido, sua mãe sem saber o que fazer relatou ao esposo o caso, pois na época não se tinha a facilidade de hoje em realizar o exame de ultrassom, então seu pai disse que não desistiria dele. Encaminhou-o com a mãe à capital Goiana, a fim de buscar melhores condições para o tratamento. Desde o nascimento já passou por dez cirurgias, começou a andar aos cinco anos de idade.

No primeiro contato com a escola foi um tanto difícil, uma vez que foram poucas as orientações dadas aos pais sobre como agir com os casos de rejeições e *bullying* que poderiam ocorrer naturalmente no ambiente escolar. No entanto, os primos sempre estiveram com ele e em relação a rejeição e *bullying* conseguiu sobressair-se, já que sempre foi uma pessoa de bem com a vida.

No ensino fundamental do segundo ciclo, sofreu um pouco de rejeição por parte dele mesmo, nas aulas de Educação Física quase nunca participava diretamente devido a prática esportiva ser sempre jogos de futebol, pois não tinha condição de participar pelas limitações físicas, geralmente ficava só assistindo ao lado de algumas amigas. Já no Ensino Médio, surgiram algumas mudanças, a escola adquiriu através de um novo professor de Educação Física uma mesa de tênis de mesa, iniciando a partir daí uma interação maior nas aulas práticas com a turma, sentindo-se mais igual a todos, até participou de um Campeonato de Tênis de Mesa na unidade escolar conquistando o segundo lugar. Para ele foi uma grande vitória, além de intera-

gir com todos da escola, alcançou um feito que muitos jamais conseguiram em uma modalidade esportiva dentro da escola.

No último ano do Ensino Médio, vivenciou um momento significativo naquela unidade escolar, o qual tirou uma lição de vida, que serviu para solidificar ainda mais tanto aprendizado já adquirido como base para o resto de sua vida, ficando marcada uma dinâmica realizada na última aula de Educação Física, aplicada pelo professor para o término do ano letivo, a qual disse que jamais esquecerá das mensagens e frases que todos os alunos fizeram de cada aluno da turma, levando-as como lição de inclusão social. E as respostas das mensagens que cada colega contribuiu foram os melhores estímulos que ele pôde escutar em toda sua vida.

Diante a um convite feito pelo professor de Educação Física, visitou um Colégio Estadual e na unidade escolar tida como referência na educação especial, na ocasião relatou suas experiências de vida e principalmente sua vivência com o tênis de mesa oportunizado pela escola. Ele pôde perceber e constatar que além de tratar de pessoas com necessidade especiais, também havia pessoas ditas ‘normais’. Tal experiência significou muito na vida dele. Percebeu sua evolução na comunicação com outras pessoas, tornando em aprendizado para que ele pudesse entrar no mercado de trabalho e em um curso superior.

Atualmente, no seu trabalho consegue comunicar-se e relacionar-se muito bem, conciliando seus estudos e a cada dia conseguindo alcançar todas as metas na empresa.

No início da faculdade houve algumas dificuldades para comunicar com seus colegas, pois para ele tudo era novo e diferente, no entanto hoje ele vê o quanto melhorou, o quanto já conquistou, faltando muito pouco para o término do seu curso superior almeja uma pós-graduação e o ingresso num mestrado.

Hoje ele consegue fazer de tudo, não apenas calçar as meias, o tênis quando está sozinho, também já calça com tranquilidade. Morou oito meses sozinho e é independente, dirige automóveis, pretende adquirir carteira de habilitação para regularizar sua situação, pois quer ter seu próprio carro, um sonho de todo jovem que está entrando na vida adulta.

A responsabilidade para transformação da realidade escolar atual está, em grande parte, sobre o professor e este deve utilizar de toda criatividade possível para superar qualquer obstáculo que possa surgir (VITORELI, 2014). Porém, sabe-se que é indispensável que sejam respeitadas as individualidades e dificuldades de cada um, garantindo a concretização da inclusão, da autonomia e da inserção de todos os alunos na sociedade como sujeitos que vivem pelo respeito ao próximo, independente se estes alunos possuem ou não alguma condição de deficiência.

Neste sentido, esta proposta foi realizada através de relatos e entrevista e está embasada em teorias defendidas por alguns autores como Mantoan, Baudin, Darido, Tani entre outros, com um aluno de uma escola municipal rural, que possui uma condição de deficiência chamada, Artrogripose Múltipla Congênita, que segundo Rozane et al. (2012), é uma síndrome rara, de um grupo heterogêneo de malformações congênitas de caráter estacionário e etiologia desconhecida e multifatorial, caracterizada principalmente por severas contraturas articulares.

Perfil do estudante

A deficiência do estudante participante no estudo é pouco comum, conforme ressaltam Saccani; Umpierres e Basegio (2008), do sistema musculoesquelético, porém facilmente reconhecível após o nascimento, devido a notável rigidez e graves deformidades em várias articulações, podendo variar em casos leves, com duas ou três articulações afetadas, e em casos graves onde articulações importantes de todos os membros e também a coluna podem estar envolvidas, e a maioria das crianças tem inteligência e longevidade normais.

Ao responder sobre a sua vida antes de conhecer o esporte e a modalidade de tênis de mesa, o aluno resalta que “ficava mais em meu canto observando meus colegas fazerem atividades físicas ou correndo nas aulas de Educação Física”. Observa-se assim que o esporte desde o seu surgimento vem desempenhando um importante papel na formação do homem e da vida em sociedade, como matriz de inclusão e transmissão de valores, forma de sociabilidade, bem como um instrumento de educação e saúde, contribuindo para a valorização do movimento e a busca de qualidade de vida dos praticantes, pois através da UNESCO (1978), a prática esportiva, passou a ser entendida como “direitos de todas as pessoas”

3.2 O estudante no âmbito escolar, a motivação para o esporte e a família

Para o entrevistado, ao ressaltar sobre como era sua vida escolar ele argumentou que “não tinha muito e nem como eu interagir com os colegas, pois mesmo sem ter o que fazer ficava isolado e não participava com os meus colegas de classe, de um certo modo eu me sentia um pouco ignorado por não participar de atividades com os meus colegas”. Sabe-se que a interação é fundamental para que todos os alunos participem de forma a ajudar os alunos que possuem alguma condição de deficiência, como argumentam Massucato e Mayrink (2016), quando eles frisam que a boa interação entre os alunos é fundamental na construção de aprendizagens significativas, pois por meio do convívio eles trocam conhecimentos, aprendem a se relacionar com o outro e constroem valores como cooperação, solidariedade e respeito.

A vida escolar é vista como um lugar de convivência que permite ao aluno estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar, sendo que a escola é uma instância da sociedade. Assim Freire e Illich (1975, p. 30) ressaltam que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade”.

Ao ressaltar sobre a motivação da prática do tênis de mesa, Vilani (2006), explica que ele é um esporte caracterizado como uma modalidade individual de confronto onde a disputa de um ponto dura em média 3 a 5 segundos, não podendo haver interferência do professor. Assim, segundo o entrevistado, a sua motivação para a prática do tênis de mesa aguçou ainda mais sua socialização, criando um vínculo maior entre seus colegas de classe da escola através desse esporte. Ele explica que:

“Algo que seria comum entre os meus colegas, pra mim foi uma oportunidade de me socializar e me fazer com o que atividades fora da sala de aula chegasse num nível tão natural que no dia a dia não senti a diferença entre eu e meus colegas participando das atividades práticas do tênis de mesa”.

Ainda sobre a motivação na prática do tênis de mesa, pode-se dizer que, segundo Rodoy (2016), que ela é uma atividade que parte da avaliação constituída em decorrência das experiências vividas em quadras ou espaço específico para sua prática, pois trabalhar o tênis de mesa valorizando a motivação e não a competição com acepção de atletas permite uma participação mais efetiva dos alunos.

Completando essa fala, Vergara (2000, p.42), argumenta que a motivação “é uma força, uma energia que nos impulsiona na direção de alguma coisa que estamos de acordo, sendo considerada intrínseca, e ela nasce de nossas necessidades interiores.

Em relação a participação direta na motivação do esporte, pode-se dizer que é inevitável no meio infantil ou juvenil, a interferência dos adultos sejam eles pais ou técnicos que acabam exercendo muitas vezes pressões sobre a criança, podendo influir decisivamente na formação esportiva, seja ela qualquer modalidade.

Sobre a interferência de pais, professores, amigos entre outros na vida esportiva do aluno, Weinberg e Gould (2001), abordam um contexto onde a influência do comportamento dos pais diante da prática esportiva de seus filhos e do incentivo a esta, podem afetar tanto de forma positiva, quanto negativamente no rendimento e na própria carreira dos jovens atletas, pois a alta exigência e cobrança dos pais podem promover um ambiente desagradável não só dentro de quadra mais também dentro de casa.

Ainda sobre o lado negativo da influência no esporte, Hellstedt (2002) citado por Lupes (2014), acrescenta que num ambiente familiar desorganizado que causa relações interpessoais inadequadas, problemas de aceitação ao treinador e a deficiência de controle interno e autodisciplina do atleta é considerado comum.

Sobre o lado positivo, Souza e Silva (2002), explica que proporcionar à criança uma experiência esportiva mais positiva é de fundamental importância, pois a prática de uma atividade física ajuda no desenvolvimento de habilidades físicas e motoras, aumenta a autoconfiança e ainda contribui para uma vida mais saudável.

Quando foi perguntado se na prática do tênis de mesa houve incentivo de seus pais ou familiares, segundo o entrevistado seus pais sempre o incentivava, sempre que chegava em casa perguntavam como havia sido a aula de Educação Física. Além disso, conforme ressalta o entrevistado “eles me apoiaram sempre a não desistir, mesmo em algumas ocasiões não ganhando algumas partidas”.

Sobre o incentivo dos pais, Granados, Guzmán e Sánchez (2009), explicam que a relação entre pais e filhos é essencial no âmbito esportivo, uma vez que esses laços trazidos da própria casa os acompanham até os novos ciclos sociais, inserindo a criança na iniciação esportiva.

Ainda sobre o incentivo dos pais na vida esportiva, Silva e Fleith (2010) enfatizam a importância da família para que o futuro atleta alcance um melhor desempenho e satisfação em suas práticas esportivas, uma vez que a relação parental exerce diversos papéis essenciais ao longo do desenvolvimento da criança, sendo primordial em relação a vários aspectos, como o suporte material e emocional, através de valores que são transmitidos aos filhos, às crenças e expectativas depositadas no desempenho da criança e ao envolvimento da família com a prática esportiva dos jovens. Outra peça fundamental, foi o incentivo dos vizinhos e amigos que sempre o chamava para participar do tênis de mesa na hora do lazer.

Em relação se houve uma interação com seus colegas depois que o entrevistado passou a praticar o tênis de mesa, ele argumentou o seguinte:

Sim, pois nas aulas de futebol por exemplo ou outras aulas que eu não participava, eu não tinha tanta interação e intimidade como eu tive nas aulas de tênis de mesa, tanto que em todas as aulas de tênis de mesa sempre estávamos rindo, nos divertindo e eu não me sentia com dificuldade ou diferença em relação aos meus colegas.

Sendo considerada uma grande ferramenta na humanização, o esporte deve ser inserido na integração dos instrumentos educacionais colocados à disposição da sociedade, pois ele é um fenômeno social, sendo um forte fator de interação social, seja no meio educacional, de entretenimento ou competitivo (TUBINO, 2001).

3.3 O incentivo à inclusão pelo esporte

Ao ser argumentado se alguma pessoa teve participação direta na motivação (pais, professores, colegas, atletas), com relação a aderência ao esporte tênis de mesa, o entrevistado foi categórico ao frisar que essa teve mais participação direta para o esporte:

“Foi o professor que conseguiu uma mesa para praticarmos atividades durante as aulas de educação física, dando-me a oportunidade para jogar e participar até mesmo de campeonatos realizados na escola, além de me levar em outras escolas para me socializar, me conhecer de um modo geral com pessoas diferentes e poder me abrir e expor sobre minha vida e a minha evolução com o esporte de tênis de mesa”.

A imagem do professor de Educação Física escolar sempre esteve ligada ao esporte, a saúde e a disciplina, pois desde o início, quando a Educação Física foi introduzida nas escolas como matéria do currículo e parte integrante da educação formal, ela ocupou um espaço modesto e foi marcada por uma história de muitas crises de identidade (ARANTES, 2008). Castelani Filho (1998), explica que a figura do professor na vida do aluno já ultrapassa várias décadas através de treinamento de suas capacidades físicas, motoras e habilidades.

Leal (2015), ressalta que apesar da existência de leis que visam garantir o acesso à escola de crianças especiais, nota-se que é comum que o processo de integração destes alunos se dê de forma conturbada, além disso, existem muitos casos de discriminação e preconceito. Muitas destas situações acontecem por conta da adoção de medidas que ao invés de combater a exclusão acabam por promovê-la, ainda que inconscientemente. Assim, cabe ao professor ser mediador dessas integrações.

Ao ser indagado sobre qual percepção que ele tinha em relação à inclusão com a prática do tênis de mesa, acrescentou que “a inclusão da prática do tênis de mesa, tanto eu como meus colegas, conseguimos enxergar de uma forma natural que se pode incluir uma pessoa especial em um esporte e trata-lo como qualquer outra, mesmo com algumas limitações pude estar no mesmo nível prático para jogar tênis de mesa em qualquer lugar”.

Pode-se observar que a inclusão questiona não somente as políticas de organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, já que prevê a inserção escolar de forma radical, onde todos os alunos sem exceção devem frequentar às salas de aula, implicando em uma mudança de perspectiva educacional, uma vez que não atinge apenas os alunos com deficiência, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (MANTOAN, 1990).

Ao indagar se houve socialização com os colegas, professores ou outras pessoas do seu convívio ao jogar na modalidade de tênis de mesa, afirmou:

“Tenho amigos que mantenho contato e conversamos até hoje sobre a modalidade de tênis de mesa, pois por coincidência na fazenda onde eu morava poucos anos após chegar a mesa de tênis na escola, também foi colocada uma mesa para a prática de tênis de mesa na fazenda onde eu residia, então o tempo que a gente estava livre, nos reuníamos e íamos brincar, isso fez com que a gente se socializasse, pois ficávamos brincando e conversando, jogando praticamente todo o nosso tempo livre”.

Sobre a socialização, o esporte é compreendido como um meio de formação e socialização, baseado nas qualidades positivas que ele traz, como explica Petrus (2003), que o esporte é um fator de socialização, bem como um recurso para a educação social (PETRUS, 2003).

Ainda nessa mesma questão, foi indagado se ainda tinha contato com algum amigo ou pessoas que conheceu por meio dessa modalidade, ele frisou a seguinte resposta:

“Esses momentos fizeram com que eu me aproximasse de alguns colegas que antes mal nos cumprimentávamos, começamos a dividir o nosso cotidiano, conversávamos sobre tudo e como eu era especial, eles me davam muita atenção e daí nasceu uma amizade que dura até hoje. E hoje tanto eu como meus colegas daquela época lembramos daqueles momentos que divertíamos juntos. Assim, sempre que tenho um tempo converso com eles, principalmente pelas redes sociais”.

Sobre os benefícios do esporte, em específico a prática do tênis de mesa, foi questionado se trouxe algum benefício tanto na parte física como na sua vida diária, pois observou-se que tais benefícios surgiram após a prática esportiva. Deste modo, o entrevistado relatou que:

Sim, devido a minha doença ser agravada com a contração dos músculos, já que quase não me movimentava, a partir do momento que eu comecei a praticar o tênis de mesa, comecei a me sentir mais leve e disposto e mais animado para realizar outras atividades da minha vida cotidiana. Além de melhorar o meu raciocínio e habilidades, pude sentir que a partir dos exercícios com essa modalidade, meu equilíbrio e coordenação motora melhoraram significativamente, pois pude perceber que poderia realizar outras atividades que antes eu tinha mais dificuldades.

Batista Filho; Jesus e Araújo (2013), elucidam que a prática de esporte na infância e adolescência promove diversos benefícios para a saúde tanto a curto quanto a longo prazo. Além dos efeitos benéficos para a saúde, sabe-se que com hábitos saudáveis adquiridos ainda na infância/adolescência tem maior probabilidade de permanecer na vida adulta. Ademais, conforme os autores, os benefícios promovidos pela atividade física, não estão relacionados apenas ao aumento de peso, mas na saúde de um modo geral, estudos mostram ligações entre a prática de exercícios e aspectos específicos da saúde psicológica, como a ansiedade, estresse, depressão, humor e emoção, autoestima e disfunção psicológica.

Quando se pratica esporte, de acordo com diferentes estudos, existem diversos benefícios com sua prática. Assim, foi ressaltado ao entrevistado se houve alguma contribuição dos ensinamentos do tênis de mesa na sua graduação, pois segundo o entrevistado, é bacharel em Engenharia de Software. Assim, o entrevistado explica que:

Não só na graduação, mas como para o resto da minha vida pois com a modalidade de tênis de mesa pude entender que cada coisa na nossa vida deve-se ter a hora e o momento certo para alcançar êxito no que se queira fazer. Além do principal, na vida da gente temos os nossos momentos de glórias e dificuldades e que a vida não é sempre de vitórias ou derrotas, sempre terá uma mistura entre a glória e o fracasso em nossa caminhada, e mesmo passando por cada uma dessas fases devemos aproveitar ao máximo cada uma delas.

Ao finalizar a entrevista, perguntou-se ainda, se ele gostaria de comentar ou relatar mais alguma informação sobre o tênis de mesa ou sobre a inclusão, pois sabe-se, que são dois temas que fez e ainda faz parte da sua vida. Deste modo, ao fazer uma reflexão sobre esses dois temas, ele concluiu:

Com o tênis de mesa, tive a certeza de que não só uma pessoa especial, mas qualquer outra pessoa pode ter dificuldades em certos momentos da sua vida, então devemos apenas saber lidar com esses momentos bons e ruins. Já referente à inclusão pude per-

ceber que não só pessoas com algum problema físico precisam de ajuda, mas também ser solidário e saber enxergar um momento certo para socialização entre pessoas.

Indo ao encontro com o entrevistado, Vitoreti (2014), explica que a prática do tênis de mesa poderia auxiliar o educador na conscientização dos alunos, explicitando os benefícios para a saúde, como qualidade de vida e desempenho corporal, e que esses benefícios não serão somente nas aulas de Educação Física, mas sim em todos os campos da aprendizagem e da vida cotidiana desses alunos.

3.4 A discriminação por meio do esporte

Sobre a discriminação, quando perguntado se no seu modo de pensar houve alguma discriminação quando iniciou a prática do tênis de mesa, ele ressaltou que não, pois a muitos anos convivia com seus colegas na mesma sala, e que até poderia ter acontecido alguma discriminação, porém ele não conseguiu perceber diretamente. O entrevistado resalta que por ser uma escola da zona rural, os alunos se conheciam bem e existia um certo respeito entre ele e os demais.

Sabe-se segundo Oliveira (2011), que a discriminação é um fenômeno social que sempre foi e continua sendo motivo de preocupação em todas as sociedades, havendo uma busca incessante por mecanismos e formas de preveni-la e/ou coibi-la, principalmente no ambiente esportivo tem sido motivo de preocupação constante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a escola inclusiva tem sido caracterizada como um novo paradigma que se constitui pelo apreço a diversidade como condição a ser valorizada e tem nas atividades físicas ou esportivas um aliado, pois ele age de uma maneira positiva nos aspectos psicológicos, aspectos pedagógicos e aspecto do ambiente de aula (proporcionando o vínculo, oportunizando a coesão do grupo, os benefícios para a saúde, como qualidade de vida e desempenho corporal.

Em relação à pesquisa de campo realizada na cidade de Rio Verde através de um aluno da Escola Rural em condição de deficiência, do sexo masculino, com 23 anos de idade, o qual viu sua vida ser transformada pela prática do tênis de mesa na escola onde estudava, por meio da prática dessa modalidade, o aluno pôde interagir com outros colegas, uma vez que a escola é vista como um lugar de convivência que permite ao aluno estar continuamente se superando e socializando sempre com a ajuda dos pais e professores, sendo que ambos os incentivaram a praticar o tênis de mesa e a sua percepção na inclusão dessa prática. Pôde ainda enxergar, de forma natural, uma pessoa especial praticando um esporte ser tratado como qualquer outra, mesmo com algumas limitações, constatando que a prática dessa modalidade trouxe diversos benefícios como melhora de raciocínio, habilidades, equilíbrio e coordenação motora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. C. A história da educação física escolar no Brasil. **Revista digital**, ano 13 n° 124, Buenos Aires, 2008.

ARCEI, A.; SIMÃO, R. A psicologia da criança e a pedagogia funcional de Edouard claparède e a pedagogia dos jardins de infância de Friedrich Froebel: continuidades e rupturas no pensamento de dois autores defensores de uma escola progressista. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n.28, p.38 –56, dez. 2007.

BATISTAFILHO, I.; JESUS, L. L.; ARAÚJO, L. G. S. **Atividade física e seus benefícios à saúde**. 2013. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arg-idvol_31_1412869196.pdf. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

BIACHETTI, L. et. al. **Um olhar sobre a diferença, integração e cidadania**. Campinas: Abril, 1998.

BRASIL. IBGE. **Censo. 2018**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus; 1988.

CBTM - Confederação Brasileira de Tênis de Mesa. **Manual Tênis de Mesa**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?.classes+do+tenis+de+mesa>.

Acesso em 07 de junho de 2021.

COLL, C. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, M. P. **O deficiente Auditivo**. Universidade Federal de São Carlos. EDUFSCAR. Editora da Universidade. São Carlos. SP. 1998.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças: Jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo: Phorte, 2006.

FREIRE, P.; ILLICH, I. Diálogo. In: **Seminário convite para sensibilizar e desescolar: conversa permanente**, Atas. Buenos Aires, Búsqueda Celadec. 1975.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 2001.

GLAT, R. **A integração dos portadores de deficiência: Uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

GRANADOS, S. R.; GUZMÁN, G. M. E.; SÁNCHEZ, M. L. Z. O comportamento dos pais no esporte: novas tendências de educação física. **Esporte e Recreação**. v. 1. n. 15. p.29-34. 2009.

GUIMARÃES, L. A. **Conhecendo a deficiência.** São Paulo: Robe, 2003.

GUSMÃO, I. Você sabe o que é Pedagogia do Sucesso? Dezembro de 2014. Disponível em: <http://escolaabertaceteb.blogspot.com/2014/12/voce-sabe-o-que-e-pedagogia-do-sucesso.html>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

JACOMELI, R. B. **A inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular.** 2015. <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/a-inclusao-alunos-com-necessidades-especiais-no-ensino-regular.htm>. Acesso em 19 de abril de 2021.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Atlas, 1992.

LUPES, R. Vida esportiva de adolescentes e a importância da participação familiar. EFDesportes.com. **Revista Digital.** Buenos Aires, Año 18, Nº 190, Marzo de 2014

MACHADO, N. **Método de Ensino de Tênis de mesa:** para professores, colégios e escolas. São Paulo: Gráfica Viena, 2011.

MANTOAN, M. T.; PRIETO, R. G. **Inclusão Escolar:** Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, M. T. É. **O desafio das diferenças nas escolas.** 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

_____. **Compreendendo a deficiência mental:** novos caminhos educacionais. São Paulo: Editora Scipione. 1990.

MASSUCATO, M.; MAYRINK, E. D. **A interação entre alunos (da mesma idade e de idades diferentes) e os benefícios para a aprendizagem.** 10 de Março de 2016. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1590>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, J. E. C. Esporte e Violência. EFDeportes.com, **Revista Digital.** Buenos Aires, ano 16, n. 156, mai. 2011.

PETRUS, A. O esporte como fator de socialização. IN: ROMANS, M. **Profissão:** educador social. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PICCHI, M. B. **Parceiros da inclusão escolar.** São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

RIBAS, C. **Educação e Exclusão:** Abordagens em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

RODAY, T. L. **Esportes alternativos como prática esportiva motivadora para jovens estudantes do ensino médio.** Secretaria do Estado da Educação do Paraná – SEED. Superintendência Da Educação Programa De Desenvolvimento Educacional – PDE. Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná – Unioeste. Realeza 2016

ROZANE, J. M. S. G.; CARVALHO, R. P.; RUZZON, D. V. L. Fortalecimento muscular na artrogripose múltipla congênita. **Fisioterapia Brasil**. vol. 13, n. 3, maio/junho de 2012.

SACCANI, R. S.; UMPIERRES, C. S.; BASEGIO, C. A. Múltipla Congênita: um relato de caso. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 12 - N° 116 - Enero de 2008.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. Fatores familiares associados ao desenvolvimento do talento no esporte. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. v. 3. n. 4. p.19-41. 2010.

SILVA, Z. P. **Rio Verde**: relato histórico. Rio Verde - GO: IAM Gráfica e Editora, 1998.

SILVA e COL, L. M. G. **Comunicação Não-Verbal**: Reflexões Acerca da Linguagem Corporal. Número 4. Ribeirão Preto. Agosto. 2000.

SOUZA, S. R.; SILVA, M. K. P. A participação dos pais em eventos competitivos infantis: Algumas Orientações. **Pedagogia do Futsal**. Londrina, v. 38. n. 6. p.290- 293. 2002.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VERGARA, S. C. **Gestão de Pessoas**. 9 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VILANI, L. H. P. **Tênis de mesa nas escolas**. In: CBTM. Confederação Brasileira de Tênis de Mesa. São Paulo, 2006.

VITORETI, L. **Superando as dificuldades do ensino da educação física com o tênis de mesa**. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

WERNECK, C. **Educação Especial**: tendências atuais. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1997.